

PONTIFÍCIO ATENEU SANTO ANSELMO

FACULDADE DE TEOLOGIA

INSTITUTO SÃO PAULO DE ESTUDOS SUPERIORES

APRECIÇÃO DA PERÍCOPE: JOÃO 8, 1-11; A MULHER ADÚLTERA

SILVA Carlos Alberto Sousa

VIANA Victor

Literatura Joanina e cartas Católicas

Prof.: Dr. Shigeyuki Nakanose

São Paulo – 2024

ELEMENTOS CHAVE DA PERÍCOPE:

Lugar onde Jesus estava: Monte das Oliveiras e no Templo;

Personagens: Jesus, povo, fariseus e escribas, uma mulher – adúltera -;

Tema da perícopre: Lei Mosaica – Adultério – Colocar Jesus á prova – Perdão;

SINALIZAÇÃO:

Temos aqui um pequeno recorte literário bíblico onde uma mulher é levada até Jesus, pelos escribas e fariseus, estes relatam que tal mulher fora pega em flagrante adultério; Eles se utilizam da Lei Mosaica para assim acusá-la (Lv 20,10; Dt 22,22); Contudo, o relato deixa claro que embora o tema seja uma mulher adúltera, o cerne da questão é Jesus, ou seja, eles de maneira ardilosa colocaram Jesus à prova: se Jesus dissesse que a Lei seja cumprida, estaria se contradizendo com que pregara sobre o amor, acolhida e perdão; e se dissesse que a Lei não seja cumprida, estaria colocando-se contra ela e então seria uma prova de autoacusação. Qualquer uma das propostas seria o que os acusadores desejavam e esperavam.

SITUANDO O TEXTO:

A perícopre em questão é bastante conhecida. Dando margem a imaginação histórica, uma vez que a mulher (personagem principal, juntamente com Jesus) não e apresentada por seu nome, bem como a questão central: pega em adultério. O adultério era repudiado na época de Jesus e segundo a Lei tal ato deveria ter resposta a altura da ação: o apedrejamento. Conta-se que não somente a mulher deveria ser apedrejada, mas também o homem que estava com ela. Embora, a Lei permitisse que o homem pudesse casar com muitas mulheres. Jo 8, 1-11 é um pequeno relato literário onde os autores concordam em afirmar que a literatura deste relato não possui características joaninas e tendem a parecer mais com os relatos lucanos. No entanto, concordam em validar a canonicidade do mesmo, dando um brio literário no Evangelho de João. Já que este texto não emite nenhuma ligação com o relato do capítulo 7, nem muito menos com a continuidade do capítulo 8.

Segundo o comentário do professor Malzoni, não encontra-se nenhum comentário por parte de Orígenes e Crisóstomo sobre este relato de João, mas somente encontra-se em alguns manuscritos da Antiga Versão Latina e na Vulgata. E que um pequeno grupo de manuscritos traz esta mesma perícopre no Evangelho de Lucas; Alguns elementos literários e fato, são típicos do sinótico lucano; ex.: Lc 21, 37-38 – Jo 8, 1-2. Outra semelhança e quando Jesus acolhe uma mulher pecadora, que durante uma refeição na

casa de um certo fariseu, tal mulher chora e unge os pés de Jesus com valioso perfume (Lc 7, 37-39).

A metodologia dos acusadores (fariseus e escribas) de colocarem uma questão para testar Jesus é característico destes personagens, uma vez que não estavam preocupados com o sentido da questão em si, tinham por maior preocupação encontrar alguma ação e ou palavra que pudesse servir de prova para acusar Jesus. Assim, podemos encontrar nos relatos de Mt 12, 10 e 22, 15.

Jesus, por sua vez sabe das intenções dos acusadores e mostra pouca preocupação. Pois, sabe e conhece que os defensores da Lei não estão acusando por amor ou defesa dela, mas por que não conseguem ver a humanidade pobre e indefesa na pessoa, no caso a mulher em pecado. Da mesma forma, Jesus sabe que a mulher aqui é apenas uma deixa para a verdadeira questão: acusarem Jesus.

Outro ponto importante é sobre a Lei. Neste caso verifica-se que o apedrejamento estava em forte vigor na época de Jesus. No entanto, há uma tradição segundo o comentário de Raymond Brown, datada do ano 30, que o Império Romano teria tirado da parte do Sinédrio o poder de impor qualquer tipo de pena capital. Mas, este é um elemento que não se pode afirmar ou não. Até mesmo por que, os doutores da Lei, utilizam justamente a Lei do apedrejamento para casos de adultério. Então neste caso fica-se impossível de entender se o Sinédrio possui ou não tal poder de julgamento. De fato, fica-se atado uma resolução neste caso.

ANÁLISE SOCIOLÓGICA:

A principal dela é justamente e claramente o tema da mulher. A Lei era regada para casos de adultério e embora valesse também para o homem que estivesse em ato com a mulher, é nítido que o peso maior da culpa caísse sobre a mulher. Na perícopes em questão, a mulher não tem nome, mostrando sua inferioridade, o homem que estava com ela no ato sexual não aparece, por qual motivo? Também se esta mulher tivesse sido vítima de uma armadilha, preparada, por exemplo, por seu marido (por algum motivo), mas uma vez veríamos como o peso da culpa, da vergonha e do pecado recaía sobre a mulher.

A mulher nos tempos de Jesus era tratada com certo desprezo, sem qualificação ou autoridade, a não aquelas características das sociedades patriarcais, ou seja, a mulher servia apenas para os cuidados com a casa, procriação e objeto sexual para o homem. Não se pode nem imaginar o que acontecia de fato com as mulheres que fossem pegas em pecado de adultério: sofrimento, humilhação, dor e morte. Era de fato, um fardo pesado demais para ser carregado; embora fosse um pecado, uma transgressão da lei, o peso da mesma era insuportável e nos dias de hoje podemos afirmar desumano.

HERMENÊUTICA:

O texto começa em movimento dos personagens, ainda no versículo 53 do capítulo 7 “E cada um voltou para sua casa.”; 8, 1 “Jesus foi para o Monte das Oliveiras.” Possivelmente Jesus nos últimos dias passava quando podia suas noites neste local, para descansar obviamente, mas sem dúvidas para estar na presença do Pai. Mesmo Jesus sabendo dos perigos que lhe cercam, Ele está sempre numa atitude de oração.

Depois Ele vai ao templo e a multidão o segue, pois seus ensinamentos preenchem os corações dos ouvintes. Vs .1 e 2.

Os escribas e fariseus. V. 3: dois grupos religiosos distintos, no entanto estavam juntos; ou seja, as autoridades religiosas já juntavam forças para buscar acusações contra Jesus.

Trouxeram uma mulher pega em adultério. V.3: a mulher era casada, perseguição contra a mulher, à pauta a priori, é o adultério segundo a Lei.

Mestre. V. 4: é a forma característica da literatura sinótica, no caso de João pode-se compreender como uma tradução de “Rabi”. Na verdade, os acusadores olhavam para Jesus não como Mestre (a multidão fazia o contrário), mas apenas como um mero profeta popular.

A Lei é clara: tais mulheres devem ser apedrejadas. V. 5: encontramos em Lv 20, 10 e Dt 22, 21 e ainda em Ez 16, 38-40 onde ostra que o apedrejamento era a forma normal de pena de morte para todo tipo de adultério.

No versículo 6 temos a prova da verdadeira questão: “Diziam isso para coloca-lo à prova, para terem de que acusá-lo.”

A atitude de Jesus é curiosa, ele se abaixa e escreve algo no chão (esta atitude será causa de grande debate entre os espertos, no entanto nenhuma versão pode comprovada aqui.) v. 6 e 8. A resposta de Jesus é dura e objetiva. Ele como fez em outras ocasiões não concorda e nem discorda, mas devolve a questão para os acusadores, que por sua vez, não sabem administrar a atitude do Mestre. Eles ficam sem saída e começando pelos mais velhos (v. 9) deixam os dois personagens principais no centro da história sozinhos.

O diálogo final dos dois personagens é engrandecedor. Jesus, visto como juiz, não se comporta como tal, sua atitude é de pura misericórdia; não concorda com o pecado, tanto é que a motiva para não pecar mais (v. 11), na verdade ele fala de maneira imperativa: “Vai e, de agora em diante, não peques mais.” É um relato literário lucano, pela beleza e cuidado em cada palavra e na própria ação misericordiosa de Jesus. E ao mesmo tempo é aquilo que a comunidade joanina interpreta em Jesus, um amável juiz. Jesus se mostra com uma docilidade de quem acolhe e ama e com autoridade, indicando que ela deve seguir sua vida sem a vivência do pecado.

ATUALIZAÇÃO E CONCLUSÃO:

Parece-nos claro a lição para os dias hodiernos. O exemplo de Jesus, o Mestre verdadeiro, somos convidados a primeiro: viver uma vida pautada na Palavra, por meio do amor e da santidade. Não uma santidade apenas exterior, mas aquela que brota do verdadeiro encontro com o Mestre, este encontro que transforma, santifica e dá frutos. Segundo: a justiça divina é distinta da dos homens. Sendo nós seguidores de Cristo, devemos agir como tal: acolhida, simplicidade, tratarmos os que sofrem de maneira especial, com amor e os que são julgados pelo mundo, tratarmos com misericórdia e compaixão, não olhando em primeiro lugar o pecado que faz sofrer, mas sua história, sua dores, seu arrependimento, sua humanidade. Mostrando o caminho que devem seguir.

Atitudes estas que farão a diferença na nossa vida e conseqüentemente no trato com os irmão e irmãs.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

BÍBLIA DE JERUSALÉM. Nova edição, revista e ampliada. 6ª impressão. São Paulo: Paulus, 2002.

NOVA BÍBLIA PASTORAL. São Paulo: Paulus, 2014.

BROWN, Raymond Edward. Comentário ao Evangelho segundo João. Vol. 1. Tradução de Valter Graciano Martins. – Santo André: Academia Cristã; São Paulo: Paulus, 2020.

MALZONI, Cláudio Vianney. Evangelho segundo João. São Paulo: Editora Paulinas, 2018.